



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Gama Abreu: um pensador da cidade no século XIX

Gama Abreu: a nineteenth century city thinker

Gama Abreu: un pensador de la ciudad em el siglo XIX

FLEURY, Jorge Nassar (1)

(1) Professor Doutor, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil; e-mail: jorgefleury@gmail.com



Gama Abreu: um pensador da cidade no século XIX

Gama Abreu: a nineteenth century city thinker

Gama Abreu: un pensador de la ciudad en el siglo XIX

RESUMO

Nascido em 1832 e formado em matemática e filosofia pela Universidade de Coimbra, o paraense José Coelho da Gama Abreu foi importante ator social no que tange às questões urbanas. Tendo exercido, dentre outros cargos, o de diretor de obras públicas por dezesseis anos, presidente da província do Pará, além de ter sido o primeiro intendente municipal, Abreu foi um pensador da cidade da segunda metade do século XIX. Muito do que idealizou naquele momento marcam ainda hoje a paisagem da capital paraense. O presente artigo aborda um ator social que se envolveu em reflexões, projetos, tomada de decisões e execuções no campo das questões urbanas na segunda metade do século XIX, particularmente em Belém. Trata-se da ação de José Coelho da Gama Abreu (1832-1906) que desde sua formação intelectual na Universidade de Coimbra (1849-1853), até sua morte, exerceu uma intensa atividade naquela cidade, sobretudo a partir de 1855, quando assume, ainda um jovem de 23 anos, a direção da repartição de Obras Públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Gama Abreu, Belém, História do Pensamento urbanístico, História Urbana

ABSTRACT

Born in 1832 and graduated in mathematics and philosophy from the University of Coimbra, José Coelho da Gama Abreu was important stakeholder in relation to urban issues. Having served, among other positions, the director of public works for sixteen years, president of the province of Pará, in addition to being the first Municipal Commissioner, Abreu was a city thinker of the second half of the nineteenth century. Much of that envisioned at that time still mark the landscape of the state capital. This article addresses a social actor who dabbled in reflections, projects, decision making and execution in the field of urban issues in the second half of the nineteenth century, particularly in Belém. This is the action of José Coelho da Gama Abreu (1832 - 1906) since their intellectual training at the University of Coimbra (1849-1853), until his death, he pursued an intense activity in that city, especially since 1855, when it assumes, still a young man of 23, the direction of the division of Works public.

KEY-WORDS: Gama Abreu, Belém, Urban Thinking History, Urban History

RESUMEN

Nacido en 1832 y se graduó en matemáticas y filosofía en la Universidad de Coimbra, el Paraense José Coelho da Gama Abreu fue actor importante en relación con las cuestiones urbanas. Después de haber servido, entre otros cargos, el director de obras públicas durante dieciséis años, presidente de la provincia de Pará, además de ser el primer Comisionado Municipal, Abreu fue una ciudad pensador de la segunda mitad del siglo XIX. Gran parte de lo previsto en ese momento todavía marca el paisaje de la capital del estado. En este artículo se aborda un actor social que incursionó en las reflexiones, proyectos, toma de decisiones y la ejecución en el ámbito de las cuestiones urbanas en la segunda mitad del siglo XIX, especialmente en Belém. Esta es la acción de José Coelho da Gama Abreu (1832 - 1906), ya que su formación intelectual en la Universidad de Coimbra (1849-1853), hasta su muerte, ha ejercido una intensa actividad en esta ciudad, especialmente desde 1855, cuando asume, siendo un joven de 23 años, la dirección de la división de Obras pública.

PALABRAS-CLAVE: Gama Abreu, Belém, Historia Del pensamiento urbano, Historia urbana



GAMA ABREU: UM PENSADOR DA CIDADE NO SÉCULO XIX

O presente artigo aborda um ator social que se envolveu em reflexões, projetos, tomada de decisões e execuções no campo das questões urbanas na segunda metade do século XIX, particularmente em Belém. Trata-se das ações de José Coelho da Gama Abreu (1832-1906) que desde sua formação intelectual na Universidade de Coimbra (1849-1853), até sua morte, exerceu uma intensa atividade naquela cidade, sobretudo a partir de 1855, quando assume a direção da repartição de Obras Públicas.

Em meados do século XIX, as cidades eram palco de uma peça na qual o mundo acelerava o seu cotidiano com a Revolução Industrial. Termos como embelezamento e aformoseamento, salubridade pública, higiene, dentre outros, passaram a fazer parte do rol de problemas e soluções dentro do espaço social e edificado chamado cidade, passando a ser tema de discurso crítico de diferentes atores sociais.

Em Belém as coisas não foram diferentes. Principalmente pelo fato do crescimento da exportação de látex, que rendeu aos cofres públicos quantias de dinheiro suficiente para a cidade passar por um período que foi intitulado de *Belle Époque*. Belém passou então por obras que lhe conferiram novas formas de cidades européias em fins do século XIX e início do século XX. Essas mudanças acontecem a partir da existência de uma rede de pessoas executando, pensando, arguindo, confrontando. Nessa rede, a partir do ano de 1855, destaca-se a figura de José Coelho da Gama Abreu.

Gama Abreu era filho de pessoas influentes e com certo poder aquisitivo. Seu pai, João Coelho da Gama Abreu, era oficial de marinha portuguesa e sua mãe, Anastácia Josefa Micaela da Gama Lobo, era filha do Tenente Coronel João da Gama Lobo. Tendo em mente o início do século XIX, já que José Coelho nasceu em 12 de abril de 1832, fica clara a importância, em Belém, dos militares na política, na educação e na engenharia, além de outros aspectos da vida cidadã. Essa influência dos militares em alguns diferentes aspectos da vida no século XIX na cidade tem um caráter muito ativo a partir de 1835, quando foi desencadeada a revolta da Cabanagem (SALES, 1986) (CHIAVENATO, 1984).

Em 1837, em meio a isso e com cinco anos de idade, Gama Abreu se muda com seus pais para Portugal, onde vive até 1846, quando, enfermo, regressa à Belém com catorze anos. Recuperado, aos dezessete anos volta à Portugal para cursar Matemática na Universidade de Coimbra, onde obteve seu título, datado de maio de 1853. Em 1855, ano em que, já formado pela Universidade de Coimbra em matemática e filosofia, Gama Abreu retorna a Belém e inicia sua carreira de funcionário público e, de certa forma, político, quando assume a direção da repartição de Obras Públicas com apenas vinte e três anos de idade. Pode-se dizer que é selada então sua relação com o urbanismo.

Em um país como o Brasil do século XIX, ser funcionário público era estar perto dos "donos do poder". Era ser um pouco dono do poder, de maneira crescente à medida que se dava a subida na escala - tudo de um modo mais distintivo do que hoje. Provavelmente nos dias de hoje um funcionário domina melhor os canais de transmissão do comando, mas de maneira impessoal. Solto na sociedade urbanizada e racionalizada, é alguém meio perdido que não se vê apontado, que não se destaca no panorama. É mais preparado, tende a ser um técnico, mas

vale menos diante da burguesia mais rica, mais vasta, mais aninhada nas vantagens e benefícios do conforto que se compra (CANDIDO, 2002).

Em meados do século XIX, esta classe média era pequena e composta, em sua maioria, pelos próprios funcionários, cujos cargos, dos poucos regularmente pagos, permitiam situar o indivíduo num quadro definido da hierarquia social. Quando se pensa que as oligarquias dos municípios, por exemplo, brigavam até à morte para disporem de lugares como agente do correio, fiscal, professor primário, coletor, oficial de justiça, escrivão; quando se pensa que as oligarquias provinciais, e mais pra frente estaduais, reservavam ciosamente para si a indicação do pessoal das repartições e de lugares como delegado, coletor provincial ou geral; quando se pensa nisso é que se vê até que ponto a vida da nação girava em boa parte à volta do ser ou não ser funcionário público.

Ser funcionário era como então se dizia: "ter uma posta", um lugar que dava renda, garantia, prestígio e posição. De cargo em cargo os funcionários iam-se "graduando" até perto do governo do país. Na esfera municipal estavam os mais modestos na época do Brasil imperial; nas capitais da província, eis os chefes de secretaria, encasacados, solenes, fita de condecoração na lapela, cumprimentando com gravidade e recebendo cumprimento de todos; afinal, na Corte, os do ápice, grisalhos, melhorando a situação financeira com os acúmulos de função ou as boas comissões, promovidos de oficiais a comendadores e dignitários, transitando da Ordem da Rosa ou da de Cristo para a do Cruzeiro, juntando ao nome o título de conselheiro, e até de barão, esteios da Monarquia. Esse foi o caso de José Coelho da Gama Abreu, que recebe o título de Barão do Marajó pelos bons serviços prestados a nação no ano de 1881. Ser funcionário era entrar para essa "cadeia da felicidade", que no final podia situar os de maior êxito ao lado dos fazendeiros e comerciantes prósperos, acima dos sitiantes, caixeiros, artesãos, agregados, para não falar nos escravos (CANDIDO, 2002).

Mas ser funcionário dependia de muita coisa. Dos favores, dos protetores, do parentesco e até da habilitação, do diploma. Gama Abreu foi filho de militar e teve a oportunidade de estudar quase a vida inteira em terras européias, mais especificamente em Portugal. Primeiramente em Lisboa, e mais a frente em Coimbra, onde cursou universidade.

Ao regressar para Belém, em 1855, assumiu cargos importantes. Ele foi então um ator social que se envolveu com diversas ações relacionadas aos aspectos urbanos, sobretudo da cidade de Belém. A sua vida é marcada por um percurso que permeia a política, mas também propostas, projetos e obras que marcam ainda hoje a paisagem da capital paraense.

O primeiro cargo que assumiu foi o de Diretor de Obras Públicas da província, onde passou 16 anos de sua vida. Por não ter formação nesta área, é executando as tarefas concernentes a este cargo que angariou muito conhecimento acerca deste campo, tendo que lidar com toda uma gama de permissões e empecilhos para exercer tal função, como por exemplo: disponibilidade de verbas e de pessoal qualificado para determinados serviços; desenvoltura para pensar e propor obras bem como para conduzi-las; ter noção de projetos arquitetônicos e urbanísticos; pensar não apenas nas melhorias físicas, sociais e econômicas, mas como estas se influenciavam mutuamente; saber lidar com as disputas políticas e partidárias que interferiam nas aprovações e andamento de obras; dentre vários conhecimentos adquiridos por ele ao longo do tempo que esteve a frente da repartição, sendo exonerado do cargo em 1871 e a repartição extinta.

Em meados da década de 1870, mais precisamente entre 1874 e 1876, publicou seus apontamentos de viagem em 3 tomos. Nestes pode-se entender melhor seus pensamentos



acerca das questões que competem ao âmbito da cidade, sejam elas físicas ou sociais. Abreu ainda publicou mais dois livros. Um intitulado *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*, publicado em 1883 e outro chamado *As regiões amazônicas: estudos chorográficos dos estados do Gram Pará e Amazonas*, no ano de 1895.

Abreu sempre foi ligado às implementações citadinas e via na repartição de obras públicas um agente facilitador para o desenvolvimento e progresso de Belém. Quando assume a presidência da província do Pará entre 1879 e 1881, resolve, como uma de suas ações, reativar a Repartição de Obras Públicas provinciais. Em 1881 ela foi recriada e passou a funcionar sem interrupções daí por diante.

Dentre outras atividades que exerceu, foi professor de matemática no Liceu Paraense, deputado tanto provincial como do Parlamento Nacional, presidente por um breve período da província do Amazonas, presidente da província do Pará, e ainda foi presidente da Câmara além de ter sido o primeiro intendente municipal de Belém já durante a república, além de senador e presidente do senado estadual. Entretanto, apesar das suas intensas atividades políticas ele foi, de fato, um grande pesquisador, divulgador, engenheiro, viajante, escritor, além de um ator social importante para as decisões e implementações no que concernem as questões urbanas de Belém na segunda metade do século XIX.

José Coelho da Gama Abreu foi um ator social que se envolveu com diversas ações relacionadas aos aspectos urbanos não apenas da cidade de Belém, mas se mostrou atento a estas características em outras cidades. Sua vida é marcada por um percurso que permeia a política, mas também propostas, projetos e obras que marcam ainda hoje a paisagem da capital paraense. Por ter vivido em uma cidade e em um momento quando podia se perceber os efeitos das benesses oriundas da exportação do látex, Abreu pôde ver de fato muitas de suas propostas e projetos saindo do papel e sendo executadas.

Abreu esteve sempre atento ao que toca o assunto dos investimentos no comércio, da produção para exportação bem como do que estes proporcionam para os recursos públicos. No período em que esteve à frente das decisões das obras públicas, vários bancos foram instalados na cidade na segunda metade do século XIX, como é o caso do Banco Comercial do Pará, fundado em 1858, o *Bank of London*, em 1874, dentre vários outros (GAMA ABREU, 1895).

No décimo ano de Abreu a frente da direção de obras públicas, em 1864, foi também fundada a Associação Comercial do Pará ainda com a denominação de Praça do Comércio do Pará. Transformou-se na Associação em 1899, com a reforma de seu estatuto. O objetivo desta era proporcionar ao comércio e à indústria um centro de apoio e auxílio, que, investigando as suas necessidades, pudesse defender os seus direitos além de promover o seu desenvolvimento (MOURÃO, 1989). A instalação deste órgão se deu pelo fato da indústria e, sobretudo o comércio, já apresentarem certo desenvolvimento àquela época (GAMA ABREU, 1883).

Durante toda a sua vida, e especialmente em seus apontamentos de viagem, Abreu fazia comparações entre cidades, principalmente entre Belém e lugares espalhados pelo mundo, em especial no Brasil e na Europa. Já no título de seus apontamentos de viagem percebe-se a importância que conferia ao sistema fluvial da região amazônica, principalmente ao grande rio Amazonas, e a comparação deste com importantes rios que cortam outros centros urbanos. Estas vias hidrográficas eram o principal, se não o único meio de ligação de Belém com o mundo e entre as cidades da região amazônica.



Hoje considerado um dos melhores e mais eficientes meios de transporte, Abreu também planejou uma extensa rede ferroviária de bondes e de trens que ligavam os diversos pontos da capital paraense bem como esta com o restante da província. Esta malha de ferrovias foi muito importante para o desenvolvimento da região e, sobretudo da capital, principalmente por ter conferido em diversos momentos certa noção do progresso à Belém (MEIRA, 1976).

Infelizmente, atualmente o saldo que resta destas ferrovias é nulo, nada tendo sobrado além de restos e menções em fontes importantes para que se possa atualmente escrever a história desse lugar. Através de seus apontamentos de viagem, pode-se perceber Abreu ciente dos pontos negativo e, sobretudo dos positivos, que estas facilidades de conexão a vapor ou trem possibilitava para a cidade (BARATA, 1973).

Em 2007 houve altos investimentos na capital paraense para uma tentativa, principalmente através da prefeitura do Partido dos Trabalhadores, sob o comando do então prefeito Edmilson Rodrigues, para se reativar o bonde e sua linha que circulava no centro da cidade - especificamente nos bairros da Campina e Cidade Velha - em fins do século XIX. Entretanto por problemas técnicos e construtivos, este bonde nunca conseguiu completar a primeira volta, ficando também desativado até os dias de hoje.

Uma das preocupações de Abreu era o embelezamento citadino. A frente das obras públicas da cidade de Belém, ainda em seu primeiro ano a frente da direção da repartição, em 1855, contratou um grupo de franceses composto por um engenheiro e nove jardineiros que ficariam responsáveis pelo ajardinamento das praças e ruas. Segundo explicitou em seus apontamentos, agradava ao seu juízo as árvores plantadas em linhas retas. Dessa forma foi implementado um paisagismo de árvores nas praças, bosques e ruas acompanhando os desenhos dos passeios em linha reta. Estas árvores eram em sua maioria palmeiras e mangueiras, espécie alta e frondosa.

Atualmente Belém é conhecida como a cidade das mangueiras pela presença de árvores centenárias deste tipo que com frequência superam os 40 metros de altura. Estas se fazem presente, sobretudo nos bairros que surgiram na segunda metade do século XIX, especialmente no bairro de Nazaré, mais central e onde as casas da população com maior poder aquisitivo se encontravam naquela época. Hoje é comum a existência de ruas na cidade com os famosos túneis de mangueira, fornecendo grande sombra o ano inteiro em uma região onde o calor não dá tréguas.

Outro aspecto que também era tangente ao tema do embelezamento e merecia atenção especial por parte dos atores sociais da segunda metade do século XIX, dentre eles Gama Abreu com uma grande importância, era o traçado regular em malha de xadrez das ruas dos bairros surgidos naquele momento, a saber o bairro de Nazaré, Umarizal, Batista Campos e ainda o Marco da Légua, hoje conhecido com o nome de bairro do Marco.

É válido ainda lembrar que a pavimentação então aplicada em grande parte das ruas, também não existe mais. Devido ao aumento do tráfego nas mesmas e do acréscimo de pesos que precisavam suportar de carros e caminhões, muitas foram asfaltadas, tendo ficado enterrado todo o sistema de paralelepípedo adotado no século XIX. Vez ou outra se tornam aparentes a depender do desgaste do asfalto e da periodicidade que a rua é recapeada.

Presente nos relatórios de Gama Abreu desde 1859, o embelezamento da cidade de Belém era uma das preocupações recorrente nos seus escritos, seja em seus apontamentos de viagem, ensaio corográficos, livros ou nos relatórios enquanto diretor de Obras Públicas, presidente



de província ou ainda como intendente municipal. Por esta preocupação, tudo que envolvia deixar a cidade mais agradável e aprazível despertava seu interesse em realizar, sejam edificações, pavimentação das ruas, obras no porto, ajardinamento e paisagismo, parques, bosques, etc.

Dentre as edificações que ele foi responsável, algumas merecem destaque, como o Teatro da Paz, que tiveram suas obras iniciadas em 1869 e concluídas em 1878. Abreu participou ativamente das propostas iniciais, bem como de seu projeto, definição de onde deveria ser implantado e também da fase inicial das obras, até ser exonerado de seu cargo na direção de obras públicas em 1871.

Para Gama Abreu, um dos teatros mais belos do mundo era o Grande Teatro de Bordeaux, dentre vários motivos, pela sua implantação, em frente a uma praça e com ruas ao seu redor, deixando ele isolado das demais edificações ou equipamentos urbanos (GAMA ABREU, 1874). O mesmo percebe-se na locação do Teatro da Paz, estando em meio a uma das mais importantes praças de Belém e com ruas bem pavimentadas com paralelepípedos ao redor da edificação. Esta é merecedora de destaque até nos dias de hoje, sendo um dos teatros mais ricos do Brasil e servindo também como cartão postal de Belém.

Abreu também esteve a frente da proposta, projeto e execução da obra do Mercado Público (CRUZ, 1973). Logo que assumiu as Obras Públicas em 1855, detectou ser necessário um espaço fechado para comportar as vendas do lugar, pois, almejando a salubridade pública, os alimentos vendidos como o peixe e a farinha não deveriam ficar expostos. Estes dois produtos, segundo Abel Graça, presidente da província do Pará em 1871, eram “gêneros de primeira necessidade, (...) aos quais se limita quase exclusivamente a alimentação pública” (GRAÇA, 1871). Dessa forma, dois anos depois, em 1857, começaram as obras da edificação que ficou pronta em 1860. Antes do fim do século XIX este mercado foi ampliado, seguindo projeto de Francisco Bolonha, devido a carência de espaço que este já proporcionava para tal função (SILVA, 1987).

Talvez as duas principais edificações que se tornaram legados de José Coelho da Gama Abreu para Belém foi o Palácio Municipal de Belém - hoje Palácio Antônio Lemos, onde funciona a prefeitura e o MABE - Museu de Arte de Belém - e o Bosque do Marco da Léguas, que mais tarde recebeu o nome de Bosque Rodrigues Alves - hoje Jardim Zoológico Bosque Rodrigues Alves. Estas duas edificações se devem aos seus esforços para implementá-los, tendo enfrentado inclusive adversários políticos que embargaram inúmeras vezes e por longos períodos a execução dos mesmos, sobretudo do Palácio Municipal, obra que Abreu clamava por se fazer necessário um único prédio para reunir todas as repartições, demonstrando ainda em números que seria mais interessante esta execução ao invés de alugar diversos imóveis espalhados pela cidade.

Este palácio, após longos debates de convencimento e persuasão por parte de Abreu, principalmente por envolver recursos financeiros altos, iniciou suas obras em 1860, enquanto ele ainda era diretor de Obras Públicas (CRUZ, 1967). Três anos depois as obras foram suspensas pela primeira vez. Tendo sido inúmeras vezes reiniciada e paralisada, o Palácio foi inaugurado em 1883, depois que Gama Abreu foi presidente da província do Pará (1879-1881) e ter reinstituído a repartição de Obras Públicas. Neste mesmo ano também foi inaugurado o Bosque Rodrigues Alves, outra obra fruto das ações de Abreu.

Em seus apontamentos de viagens, Abreu se mostrava fascinado com os parques e passeios pelas cidades européias. Para ele, estes lugares além de serem obras belas, harmoniosas e que

proporcionavam lugares e eventos agradáveis além de contribuir para a salubridade das cidades, também estimulava certo costume e postura social dos cidadãos. Um em particular lhe chamou atenção: o *Bois de Boulogne*. Admirava todos os seus aspectos, desde os modismos dos cidadãos que o frequentavam até sua localização - ficava a 2 km de Paris -, passando inclusive pela artificialidade dos espaços, sendo o bosque, ruas, atalhos, carreiros, grutas, quedas d'água, lagos, chalés, casas de bebidas, restaurantes, barcos, velocípedes, tudo obras implementadas no lugar.

Foi a partir deste seu vislumbre pelo Bosque de Bologne, que José Coelho da Gama Abreu se tornou o grande responsável pela proposição e projeto do Bosque Rodrigues Alves, em Belém. Situado, a exemplo de sua inspiração parisiense, à margem da cidade, no bairro do Marco da Légua - hoje conhecido como bairro do Marco -, zona leste de Belém que ficava, àquela época, afastado do centro da cidade.

Abreu, se tornando presidente da província do Pará em 1879, e neste cargo ficando até 1881, foi o grande responsável pela reinstalação da repartição de Obras Públicas, desativada desde a sua exoneração do cargo em 1871. O bosque belenense foi inaugurado em 1883, e ganhou o status de jardim zoobotânico em 2002. Atualmente é uma grande área verde de 15 hectares no centro da cidade de Belém.

Dentre as ações de Abreu esta a abertura e pavimentação de grandes bulevares que pudessem transformar a cara de Belém em uma cidade "centro da civilização" como intitulou a capital francesa. Dentre essas implementações, estavam o aumento dos investimentos na iluminação pública, tendo a mesma passado de gás líquido para gás carbônico no ano de 1864, sob os cuidados de Abreu, além do alargamento, alinhamento, pavimentação das ruas e também do ajardinamento das mesmas com árvores marcando suas linhas retas. Nos dias de hoje essas ruas já não apresentam aquela mesma imagem, mas continuam sendo avenidas largas e com árvores de grande porte que conferem uma feição à cidade.

A escolaridade da população era outra preocupação de Abreu, se tornando um grande incentivador e investidor na educação. Tendo ele lecionado matemática no Lyceu Paraense, era muito ligado com todas as ações que concerniam ao aprendizado. Participou inclusive em diversos momentos como membro de banca para seleção de vários professores para algumas disciplinas específicas, como foi o caso do francês (Treze de maio, 1858).

Em 1894, quando era intendente municipal, Abreu foi um dos principais atores que se envolveu na transformação da edificação onde funcionava o Banco Comercial do Pará desde 1858, para o estabelecimento da Biblioteca e Arquivo Público Municipal. O prédio ficava na Travessa Campos Sales, no bairro da Campina. A biblioteca pública permaneceu neste prédio até o ano de 1986, quando, não cabendo mais na edificação, mudou-se para o Centro da Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR). No antigo prédio permanece até hoje em funcionamento o Arquivo Público do Estado do Pará - APEP - aberto ao público para quem quiser visitar ou realizar consulta ou pesquisa no acervo ali presente.

Em suas ações, Abreu sempre se mostrou coerente, e seguindo essa lógica, para ele, não bastava apenas implementar obras à moda parisiense, precisava-se também educar uma população para se portar, vestir e agir aos moldes europeus. Isso para ele ia além de edificar escolas e proporcionar boa educação em sala de aula. Necessitava também de alguns mecanismos reguladores da vida social.



Dessa forma, ao longo da segunda metade do século XIX, o poder público se fez presente através da redação e instituição de algumas leis, Códigos de Postura, Código Penal, dentre outros recursos. Essas leis e Códigos de Postura Municipais regulamentavam a vida social na cidade e justificavam a ação da Polícia Municipal junto à população. O controle do poder público ia além da esfera do visual da cidade, se estendeu à moralidade dos habitantes. Por exemplo, pelo código de posturas de 1897 ficava proibido fazer "algazarra, dar gritos sem necessidade, apitar, fazer batuques e sambas" (SARGES, 2002:72).

Abreu estava em voga em um momento conturbado da vida política e econômica do país. Entre 1879 e 1881 foi presidente de província. No ano em que deixa a presidência recebe o título de Barão do Marajó pelos bons serviços prestados a nação. Apesar de sua importância durante o império, Abreu ainda se tornou, em 1891, o primeiro intendente municipal de Belém. Isto evidencia sua influência e hegemonia mesmo o cenário brasileiro tendo mudado com relação ao seu sistema político e econômico, principalmente com a proclamação da república em 1889 e a abolição da escravidão no ano anterior.

Como se percebe muitas foram as contribuições das ações de José Coelho da Gama Abreu que deixaram um legado físico para os dias atuais, evidenciando seu posto aqui sugerido de um pensador da cidade. Além disso, ainda existem contribuições difíceis de mensurar que ficam muito restritas ao campo das ideias e pensamentos através de sua influência na sociedade da época.



REFERÊNCIAS

- BAENA, Antônio L. M. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, 432p.
- BAENA, Antônio L. M. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969, 395p.
- BARATA, Carlos. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Originis - Sociedade de Pesquisa, 1999
- BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará*. Belém: UFPA, 1973
- BRAGA, Theodoro. *Noções de Chorographia do Estado do Pará*. Belém, Pará: EmprezaGraphicaAmazonia, 1919
- CANDIDO, Antônio. *Um funcionário da monarquia, ensaio sobre o segundo escalão*. Rio de Janeiro: Editora ouro sobre azul, 2002
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988
- CHIAVENATO, Julio José. *Cabanagem: o povo no poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973
- CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo: Perspectiva, 2010
- CHOAY, Françoise. *Destinos da cidade europeia: séculos XIX e XX*. in: Rua, n. 6, Salvador, 1996
- CHOAY, Françoise. *Les mémoires d'Hausmann*. Paris: Seuil, 2000
- CHOAY, Françoise; *O Urbanismo: Utopia e realidades de uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003
- CHOAY, Françoise. *The Modern City: Planning in the 19th Century*. New York: George Braziller, 1969
- CRUZ, Ernesto. *As obras públicas no Pará*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1967
- CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: UFPA, 1973
- CRUZ, Ernesto. *História do Pará*. Belém: UFPA, 1973
- CRUZ, Ernesto. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações*. Belém: Cejup, 1992
- FEBVRE, Lucien. *Leur histoire et lanôtre*. Annales d'Histoire Economique et Soiale. Paris: A. Colin, 1953
- GAMA ABREU, José Coelho da. *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Typ. Minerva, 1883
- GAMA ABREU, José Coelho da. *As regiões amazônicas: estudos corographicos dos estados do Gram Pará e Amazônas*. Lisboa: Impessão de Libanio da Silva, 1895
- GAMA ABREU, José Coelho da. *Do Amazônas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio: apontamentos de viagens*. Tomo 1. Lisboa: Typographia Universal, 1874
- GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *O império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, FAPERJ, 2008.
- MEIRA, Augusto. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará*. Belém: Grafisa, 1976
- MOURÃO, Leila. *Memória da indústria paraense*. Belém: FIEPA, 1989
- Relatório apresentado a Assembleia Legislativa Provincial na primeira sessão da 17. A legislatura pelo Dr. Abel Graça, presidente da Província do Pará. Typ do Diário do Gram-Pará, 1871. p. 48



SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992; DI PAOLO, Pasquale. *Cabanagem: a revolução popular da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1986;

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-tatu, 2002, p. 26

SILVA, G. G. *Arquitetura de ferro no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1987

Treze de Maio. Belém: Typ Santos e Filhos, 26 de junho de 1858, n 536, p.3